PEDRAS VIVAS
SUPLEMENTO SEMANAL DO JORNAL DA MADEIRA
WWW.JORNALDAMADEIRA.COM | DIRETOR: GISELO ANDRADE | 12 DEJULHO DE 2026 | NÚMERO 279

Foto: Duarte Gomes

“É uma obrigação nossa colocarmo-nos perante Deus”

D. Rui Gouveia orientou o retiro do clero da Diocese do Funchal

Terminou esta sexta-feira, no Terreiro da Luta, mais um turno do retiro anual dos sacerdotes da Diocese do Funchal, que reuniu 11 participantes para vários dias de oração, silêncio, reflexão e convívio fraterno. Como habitualmente, o retiro encerrou com a celebração da Eucaristia, presidida pelo bispo do Funchal, D. Nuno Brás.

Em declarações ao Jornal da Madeira, D. Rui Gouveia, bispo auxiliar de Lisboa, que orientou o retiro, destacou a importância destas paragens na vida sacerdotal, considerando que fazem parte da própria identidade e missão do padre. “É uma obrigação nossa colocarmo-nos perante Deus, Nosso Senhor”, afirmou. “Faz sempre bem estas paragens”, acrescentou, salientando também a dimensão fraterna destes encontros.

Questionado sobre o desafio de conciliar uma vida espiritual profunda com a proximidade às pessoas, D. Rui Gouveia explicou que “amar como Deus ama não é uma coisa deste mundo” e que, por isso, é essencial cultivar a fé e reservar tempo para entrar no “mundo invisível do Reino dos Céus”.

O bispo auxiliar de Lisboa admitiu igualmente que o cansaço é uma realidade que atinge muitos sacerdotes, à semelhança do que acontece na sociedade em geral, devido ao ritmo intenso da vida e às múltiplas solicitações pastorais e burocráticas.

Sublinhou ainda a importância do apoio fraterno dentro do presbitério e da oração dos fiéis pelos seus pastores. “A comunidade é chamada a apoiar aquele que não está bem. Aí está a verdadeira caridade”. L.G.

“A comunidade é chamada a apoiar aquele que não está bem. Aí está a verdadeira caridade”.

DIOCESE DO FUNCHAL

Capelas de S. João

P. Giselo Andrade

Por altura dos Santos Populares, principalmente São João e São Pedro, é tradição no Porto Santo a confeção de um pão/bolo muito característico chamado de "capelas de São João" ou simplesmente "capelas". Assim denominado devido ao seu formato, que evoca uma pequena capela. De formato circular grande, possui um rendilhado em meia-lua a toda a volta da base e, nas versões mais clássicas, um outro bolo mais pequeno sobreposto. Em cima, apresenta irregularidades, resultantes do corte feito antes da cozedura, que ganham tonalidades mais escuras no forno. O sabor é doce e a textura aproxima-se do pão.

A preparação das "capelas" inclui farinha, ovos, manteiga, leite, açúcar, raspa de limão (pode levar também raspa de laranja), sal e fermento. A mistura é amassada e deixada a levedar. Depois, é dividida em porções individuais e colocada num tabuleiro. Cada bolo é pincelado com ovo e "repenicado" com uma tesoura.

Na memória coletiva da ilha, as "capelas" pertencem ao universo das receitas festivas, feitas para assinalar um tempo especial e não apenas para consumo quotidiano. A sua confeção, muitas vezes associada ao ambiente familiar e comunitário, traduz uma forma antiga de celebrar, onde a festa religiosa começava com os preparativos gastronómicos e a casa participava da celebração. Assim, não são os ingredientes que tornam tão significativas as "capelas", mas a tradição transmitida de geração em geração, na forma dada à massa, no corte da tesoura, nas memórias familiares.

Esse pão doce revela também a criatividade da cozinha porto-santense, marcada pela insularidade e escassez de recursos, mas também por uma forte ligação à fé, sobretudo ao padroeiro São João Batista. A partir de ingredientes simples, surge um alimento que se destaca sobretudo pela forma simbólica que assume.

Assim, as "capelas", este pão/bolo doce tradicional do Porto Santo, não são apenas mais um elemento de doçaria tradicional, mas um marcador de identidade gastronómica porto-santense. Falam de devoção, festa e história familiar, perpetuando no tempo um sabor que sabe a festa e devoção.

Bispo de raízes madeirenses ordenado em Caracas

Foto: Arquidiocese de Caracas

O bispo do Funchal, D. Nuno Brás, convidou os fiéis da Diocese a acompanharem em oração a ordenação episcopal de D. José Dionísio Gómez Gouveia, marcada para 15 de agosto, em Caracas.

Filho de pais naturais do Santo da Serra, o novo bispo auxiliar da capital venezuelana é apresentado como um sinal de esperança num país afetado pelos recentes sismos e por uma difícil situação social.

Nascido em La Guaira, em 1966, José Gómez Gouveia foi ordenado sacerdote em 2001 e exerceu funções como pároco, capelão prisional, formador e reitor do Seminário de Santa Rosa de Lima. Nomeado pelo Papa Leão XIV a 18 de março de 2026, recebeu a sé titular de Fuerteventura.

D. Nuno Brás associa a Diocese do Funchal à alegria da ordenação e pede orações para que o novo bispo exerça a missão com coragem, proximidade e esperança.

30 anos do Jardim da Serra

Foto: Duarte Gomes

A comunidade do Jardim da Serra assinalou, no sábado, 4 de julho, os 30 anos da freguesia com uma Eucaristia presidida pelo bispo do Funchal, D. Nuno Brás, que desafiou os habitantes e as instituições locais a continuarem a construir uma comunidade mais fraterna, colaborante e harmoniosa. No final da celebração, o pároco, padre Rui Silva, agradeceu a colaboração das entidades locais e convidou a população a participar nas comemorações oficiais.

DIOCESE DO FUNCHAL

Diocese reúne mais de 122 mil euros para apoiar a Venezuela

Luísa Gonçalves

Foto: Duarte Gomes

A Diocese do Funchal angariou 122.736,36 euros na campanha de solidariedade promovida em favor das vítimas dos sismos que atingiram a Venezuela. O montante resulta do ofertório realizado em todas as missas celebradas na Diocese no passado fim de semana, ao qual se juntaram contributos de comunidades religiosas e ofertas individuais.

A Diocese adianta que poderão ser efetuadas novas transferências nos próximos dias, à medida que continuem a chegar aos serviços diocesanos os contributos de paróquias ou de outros benfeitores que ainda não procederam à entrega dos donativos.

O Bispo do Funchal, D. Nuno Brás, expressa, através do comunicado, o seu agradecimento a todos quantos contribuíram para esta iniciativa, considerando-a "um verdadeiro sinal de solidariedade e proximidade do povo madeirense para com os irmãos da Venezuela, que continuam a viver momentos de verdadeira aflição e necessidade".

O comunicado termina com um convite a que esta corrente de solidariedade não se esgote na ajuda material. "Continuemos a acompanhar estes nossos irmãos, sobretudo com a proximidade da oração", apela a Diocese.

Crisma celebrado no Campanário

Foto: Duarte Gomes

Vinte jovens e adultos receberam o sacramento do Crisma na igreja paroquial do Campanário, numa celebração presidida por D. Nuno Brás. Na homilia, o bispo do Funchal desafiou os crismandos a não encararem este momento como o fim da catequese, mas como o início de uma vida comprometida com Cristo. O pároco, padre Adelino Macedo, apelou ao apoio da comunidade, dos padrinhos e dos catequistas na caminhada dos novos crismados.

NÓS POR CÁ

As dores do parto

D. Nuno Brás

O "mal natural", como aquele terramoto na Venezuela, continua a ser um grande ponto de interrogação, uma espécie de "sem-sentido" na realidade que nos cerca. Que os maus sejam castigados, entendemos; que Deus lhes perdoe esse mal e os procure acolher no seu Reino, convertendo o seu coração, também somos capazes de compreender — afinal, é grande a misericórdia do Senhor: tão grande que é capaz de converter os corações mais endurecidos. Contudo, as desgraças naturais que matam e causam sofrimento generalizado são uma fronteira que se torna difícil de ultrapassar.

Claro que muitas dessas desgraças naturais são também fruto do mau viver humano: de corrupções, de egoísmos, de um mau uso que perverte a própria natureza — e, portanto, são fruto de um "pecado social". Mas isso não basta.

Sabemos, por experiência, como é importante para aqueles que vivem as consequências desse mal que é provocado pela natureza perceber que Deus está ao seu lado e partilha com eles o sofrimento, dando força, coragem, apresentando novos caminhos.

Na Carta aos Romanos, São Paulo diz que "a criação inteira geme e sofre no presente as dores do parto" (Rom 8,22). Ou seja: para além do sofrimento que marca a vida humana, existem também as dores de crescimento da própria natureza, à espera do mundo novo, à espera que o ser humano ofereça a toda a realidade um novo sentido (que só lhe pode vir do Homem Novo que é Cristo). Como afirma o Livro do Apocalipse, nessa altura "Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor nem dor. Sim, as coisas antigas passaram" (Ap 21,4).

Podemos pois dizer que a própria criação se apresenta como tarefa para o ser humano: depende da nossa conversão e da nossa capacidade de lhe comunicar a novidade de Jesus, permitindo-lhe crescer, viver o mundo novo que Jesus, na sua ressurreição, já começou a fazer surgir. ●

"Podemos pois dizer que a própria criação se apresenta como tarefa para o ser humano".

Domingo XV do Tempo Comum

EVANGELHO (Mt 13, 1-9)

Naquele dia, Jesus saiu de casa e foi sentar-Se à beira-mar. Reuniu-se à sua volta tão grande multidão que teve de subir para um barco e sentar-Se, enquanto a multidão ficava na margem. Disse muitas coisas em parábolas, nestes termos: «Saiu o semeador a semear. Quando semeava, caíram algumas sementes ao longo do caminho: vieram as aves e comeram-nas. Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra, e logo nasceram, porque a terra era pouco profunda; mas depois de nascer o sol, queimaram-se e secaram, por não terem raiz. Outras caíram entre espinhos e os espinhos cresceram e afogaram-nas. Outras caíram em boa terra e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta por um. Quem tem ouvidos, oiça»..●